



A influência do Deus Ba'al na mística panteísta israelita

The influence of the God Ba'al on Israelite pantheistic mysticism

Marcelo Serafim de Souza^[a]

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, BR

^[a] Faculdades EST

José Hélio^[b]

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, BR

^[b] Faculdades EST

Flávio Schmitt^[c]

São Leopoldo, Rio Grande do Sul, BR

^[c] Faculdades EST

Como citar: SERAFIM DE SOUZA, Marcelo; HÉLIO, José; SCHMITT, Flávio. A influência do Deus Ba'al na mística panteísta israelita. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 03, p. 433-445, set./dez. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.003.DS04>

Resumo

O Artigo em questão se propõe a estudar a complexa questão acerca da adoração cúltica ao Deus Baal¹ na arqueologia, na vida de Israel e na Bíblia. Pretende-se demonstrar que a monolatria não foi regra em Israel, mas exceção. A influência do Deus Baal na mística panteísta israelita iniciou-se justamente com o contato de Israel com as nações vizinhas e com a conquista de Canaã, a terra prometida. O convívio de Israel com os cananitas fê-los abarcar a adoração aos deuses já cultuados naquela região, em específico, o Deus Baal. Desse modo, ainda que o culto a Yahweh, não fora

¹ Como há possibilidade de escrita, na língua portuguesa, desse nome sem o uso da apóstrofe, doravante empregaremos a forma "Baal", em substituição à escrita semítica "Ba'al".

^[a] Mestre em Teologia pela Faculdades EST, e-mail: marcelohefziba@hotmail.com

^[b] Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, e-mail: prof.josehelio@gmail.com

^[c] Doutor em Ciências da Religião pela UMESp, e-mail: Flavio@est.edu.br

abandonado pela nação israelita, Israel, movido por influência, passa a prestar culto a Yahweh junto ao culto prestado aos demais deuses, fazendo de Israel uma nação politeísta e polilátrica.

Palavras-chave: Baal. Israel. Influência. Panteão. Adoração.

Abstract

The Article in question sets out to study the complex issue surrounding the cultic worship of the God Baal, in archaeology, in the life of Israel and in the Bible. It is intended to demonstrate that monolatry was not the rule in Israel, but the exception. The influence of the God Baal on Israelite pantheistic mysticism began precisely with Israel's contact with neighboring nations, as well as with the conquest of Canaan, the promised land. Israel's coexistence with the Canaanites made them embrace the worship of the gods already worshiped in that region, specifically, the God Baal. Thus, although the cult of Yahweh had not been abandoned by the Israelite nation, however, Israel, moved by ill-fated influence, began to worship Yahweh along with the worship given to the other gods, making Israel a polytheistic and polylatric nation.

Keywords: Baal. Israel. Influence. Pantheon. Worship.

Introdução

O deus Ba'al na vida de Israel

O objetivo deste artigo é tratar em específico da temática “O Deus Baal: na arqueologia, na vida de Israel e na Bíblia”. Contudo, é impossível falar do culto a Baal, na vida de Israel e na Bíblia, negligenciando a gênese do panteão israelita, desde os primórdios desta nação.

Haja vista, desde sua gênese e, durante considerável tempo, Israel foi uma nação politeísta e polilátrica (Nm 25; Jz 2; 1Rs 11; Is 2; Jr 19,23,49, Ez 14; etc.). Ou seja, em Israel não apenas se acreditava na existência de outros deuses, como também se prestava culto a outros deuses. E, isso, a exemplo das nações vizinhas.

Contudo, somente após o regresso dos judeus do exílio babilônico, a nação de Judá tornar-se-ia politeísta. Ou seja, ainda que, quando regressaram do cativeiro, continuassem a acreditar na existência de outros deuses, todavia, doravante, passaram a prestar culto apenas a Yahweh, conforme se depreende do texto de Miquéias 4,5.²

Entretanto, tal assertiva causa certo assombro, pois, nas narrativas bíblicas veterotestamentárias, há evidências de que a nação de Israel, comparada com a vinha de Yahweh, conforme o Proto Isaías (5.7a)³, fora escolhida por Deus, para ser povo único na adoração somente a Yahweh (Dt 7.6).⁴

O que corrobora Barclay, ao prelecionar que:

Israel deveria ser a luz do mundo e lidar com aquilo que é maligno, mas, em vez de cumprir com essa função em relação às nações, o povo tratou sua vocação como um privilégio exclusivo. Isso se tornou um pecado para o povo, e a Torá atraiu Israel para a justiça nacional.⁵

Nesta mesma linha de raciocínio, Abdalla aduz que:

[...] Deus chama Israel a um compromisso semelhante aos tratados bilaterais do mundo antigo, [...]. Como o suserano, Ele introduz a aliança e chama Israel a obedecê-lo. A graciosa redenção de Deus deveria levar Israel ao serviço a Deus. Por isso, os Dez Mandamentos começam lembrando o povo de que sua obediência era uma resposta à graça divina: “Eu sou o SENHOR, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão” (Êxodo 20:2).⁶

E esta aliança divina jamais deveria ser quebrada. Contudo, conforme Abdalla:

² Todos os povos caminham, cada qual em nome do seu deus; nós, porém, caminhamos em nome de Javé, nosso Deus para sempre. (BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 54669). (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle)

³ A vinha de Javé dos Exércitos é a casa de Israel (Is 5.7a) (BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 43445). (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle).

⁴ POIS você é um povo consagrado a Javé seu Deus: foi a você que Javé seu Deus escolheu para que pertença a ele como povo próprio, entre todos os povos da terra. (BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 9069). (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle).

⁵ BARCLAY, John M.G. et al. *Perspectivas sobre Paulo*: cinco pontos de vista. Trad. Paulo Benício. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021. p.27.

⁶ ABDALLA, Tiago. O hebraico nosso de cada dia: Reflexões teológicas, espirituais e práticas de dez importantes palavras HEBRAICAS. São Paulo: Hagnos, 2022. p.37. (Obs: utiliza-se um ebook Kindle).

Infelizmente a nação de Israel quebrou diversas vezes a aliança com Deus. E não demorou muito. Começou quando ainda estavam no deserto e fizeram um bezerro de ouro para adorar (Êxodo 32:1-8). O desfrute das bênçãos estava em risco.⁷

O episódio do “bezerro de ouro”, descrito em Êx 32, pode nos trazer, em exemplo fático, do politeísmo polilátrico desde sua gênese na vida de Israel; quando Israel ainda não existia como nação.

Os hebreus, em Êxodo 32, encontravam-se no seu primeiro ano de peregrinação no deserto, rumo à terra prometida, após deixar para trás uma vida de escravatura no Egito.

Moisés sobe ao monte Sinai para receber as instruções de Deus para o povo. Mas demora em sua descida. Os hebreus pedem então a Arão que lhes faça uma escultura com os pingentes de ouro que lhe forneceram.

No versículo 4 de Êxodo 32, Arão, com o ouro que estava em seu poder, forma um bezerro de fundição. Momento em que os hebreus exclamam: “Israel, este é o seu deus, que tirou você do Egito”.⁸

Contudo, uma observação digna de nota reside no fato de que a perícopes de Êxodo 32.4 acima se dá simultaneamente à saída dos hebreus do Egito, por volta de 1446-1440 a.C. E passados alguns séculos, conforme o relato do autor deuteronomista em 1Rs 12.28,29, já no reinado de Jeroboão I, que reinou sobre o Israel Norte, por volta dos anos 931 e 909 a.C., momento em que este, no início de seu reinado, tendo como objetivo político desviar o povo de Israel em seu deslocamento, para adorar no templo em Jerusalém, constrói dois bezerros de ouro, coloca um no santuário nacional de Betel e outro em Dã.

Após construir os dois bezerros de ouro e os entregar ao povo, Jeroboão exclama as seguintes palavras: “Eis teus deuses, Israel, que te fizeram sair da terra do Egito” (1Rs 12.28), em uma nítida ligação, se percebe, com o episódio descrito em Êxodo 32, conforme acima relatado.

A nação de Israel, sob a influência de Jeroboão I, presta culto aos “bezerros de ouro”, leia-se “touros jovens” erigidos por este, com intenção estritamente política.

Elohim “אֱלֹהִים” e Eloheykha “אֱלֹהֵיךָ”

Ao analisar-se pormenorizadamente o contexto mediato e histórico das duas perícopes acima relatadas, Êx 32 e 1Rs 12, vislumbra-se que ambas fazem menção a “touro jovem”, leia-se “bezerro”. Bem como ambas fazem menção a quem tirou o povo de Israel da terra do Egito: “Eis teus deuses, Israel, que te fizeram sair da terra do Egito”.⁹

Em ambas as passagens, o termo original para deuses é “אֱלֹהֵיךָ”, traduzido por “ELOHEYKHA”, cuja mesma raiz se extrai o cognato “אֱלֹהִים”, traduzido por “ELOHIM”. E tanto ELOHEYKHA quanto ELOHIM provêm da mesma raiz semântica, que designa “deuses”.

Contudo, é digno de nota que a Bíblia hebraica também traduz “אֱלֹהִים” ELOHIM como o único Deus Yahweh de Israel. Aliás, em Gn 1.1, portanto no começo do Primeiro Testamento, vemos a referência a “אֱלֹהִים” ELOHIM, como o Deus criador:

⁷ ABDALLA, 2022. p.38. (Obs: utiliza-se um ebook Kindle).

⁸ BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 4355. (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle).

⁹ Êx 32.4 e 1Rs 12.28.

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים, que traduzido é “Bere'shit bara Elohim” (“No princípio criou Deus”) (Gn 1.1).

Outra passagem bíblica que remete “אֱלֹהִים” ELOHIM a um Deus único (Yahweh), encontra-se registrada em Êxodo 3:14, quando Deus, por meio do episódio da “sarça ardente”, comissiona Moisés para guiar os hebreus em sua libertação do Egito.

Tradução literal do texto Hebraico: “E disse ELOHIM a Moshê: EU SEREI O QUE SEREI. E disse mais: ‘Assim dirás aos filhos de Israel: SEREI me enviou a vós outros”.

Na perícopre de Gênesis cap. 32, quando Jacó saía das terras de seu sogro, Labão, e no vale de Jaboque, experimentou uma epifania teofânica, Jacó assim afirmou, no vers. 31: “Jacó Deus a esse lugar o nome de Fanuel, dizendo: “Eu vi Deus face a face e continuei vivo”.¹⁰

A palavra usada aqui para designar Deus é: “אֱלֹהִים” (ELOHIM). Portanto, tanto o Deus criador de Gênesis 1 quanto o Deus que comissiona Moisés em Êxodo 3.14 e quanto a epifania transcendental teofânica de Jacó quando exclama: “vi a Deus face a face”, a expressão que se tem no original é אֱלֹהִים (Elohim). Expressão essa que faz reminiscência ao Deus único de Israel.

“Bezerro” ou “Touro Jovem”

Contudo, percebe-se que a mesma palavra utilizada nas passagens bíblicas acima, que mencionam acerca do “bezerro” ou “touro jovem”, tratam também da verdade, dos “deuses” que tiraram o povo de Israel da terra do Egito.

E, acerca da figura do “bezerro de ouro” ou “touro jovem” acima referida, Kaefer assim se pronuncia:

Em segundo lugar, Javé é representado em forma de touro, forma que algumas vezes também é atribuída a Baal, caracterizando a força e a fertilidade, e que em algumas passagens “obscuras” aparece como uma forte condenação do culto praticado em Samaria.¹¹

Ou seja, tanto Yahweh quanto Baal são representados pela figura de um “touro” e, em Baal, referida figura caracteriza sua força e fertilidade.

Isso só demonstra o quanto o povo de Israel foi politeísta, acreditando na existência de outros deuses, como também polilátrico, ao prestar culto a Yahweh, junto ao culto a outros deuses simultaneamente.

Perscruta-se a influência de Baal na adoração cúltica de Israel, também na perícopre de 2Reis 1. Acazias, rei de Israel, sofre uma queda em seu palácio, fica gravemente ferido e envia mensageiros ao templo de Baal-Zebube, em Ecrom, para perguntar se iria se recuperar.

Elias, profeta à época, pergunta a Acazias, sob mandado de Yahweh, se seria crível consultar a Baal em Ecrom, tendo em vista que a nação de Israel tinha a Yahweh para prestar cultos.

Ou seja, desde Êxodo 32, o culto a Baal, junto ao culto a Yahweh, esteve presente na vida do povo de Israel. Tendo perdurado por interregno demasiado de tempo.

Exemplo clássico temos no relato do autor deuteronomista em 1Rs 18, no episódio conhecido como o “fogo que caiu do céu”, quando Yahweh atendeu à oração de Elias diante dos quatrocentos e

¹⁰ BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 4355. (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle).

¹¹ KAEFER, José Ademar. A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá. São Paulo: Paulus, 2015. p. 70.

cinquenta profetas de Baal. Num período em que a devoção a Baal por Israel tornou-se deveras comum no meio da nação israelita.

Ao tempo do reinado do rei Acabe, que reinou por 21 ou 22 anos, entre aproximadamente os anos de 874 e 853 a.C., se perscruta a massiva presença da adoração a Baal na vida de Israel à época.

Nesse tempo, havia em Samaria um templo exclusivo, dedicado a Baal, o qual agregava diversos sacerdotes que se revezavam na ritualística do culto àquela divindade cananea. Não apenas sacerdotes, mas também profetas, pois, o profeta Elias, no monte Carmelo, se depara com quatrocentos e cinquenta profetas de Baal.

Acerca do arraigamento do culto a Baal na nação israelita e sua concorrência ao culto a Yahweh, Sousa nos leciona o seguinte:

Estes textos já nos deixam claro que havia uma complexidade muito grande de práticas cúlticas, bem como um volume razoável de divindades, sendo algumas concorrentes, como aparece em muitos textos a relação de Jahwe e Ba'al. Conhecemos o fato de Acabe construir um templo para Ba'al em Samaria. Este templo de Acabe mais tarde foi destruído por Jeú, que toma Samaria, matando quem restava da descendência de Acabe. Ali ele faz uma convocação, como sendo adorador de Ba'al, para que todos os devotos daquela divindade viessem se apresentar no templo de Samaria. Estando todos no templo ele mandou matar todos os adoradores de Ba'al e destruiu o templo como é relatado em II Rs 10,20-28. [...] Podemos perceber que a devoção a Ba'al era grande neste período e espalhada por todo o território de Israel.¹²

Perscruta-se, então, que o politeísmo polilátrico de Israel persistiria ainda com toda a sua pujança, por mais tempo, pois, após o governo de Acabe, já no governo de Oséias, que reinou sobre Israel em Samaria, por volta dos anos de 732 a 722 a.C., o autor deuteronomista nos informa que este rei fez o que era mal aos olhos do Senhor.

E, em 2Rs cap. 17 vers. 16, o autor deuteronomista vaticina:

Rejeitaram todos os mandamentos de Javé seu Deus; fabricaram ídolos de metal fundido, os dois bezerros de ouro; fizeram um poste sagrado; adoraram todo o exército do céu e prestaram culto a Baal.¹³

Vê-se novamente aqui referência a “touro jovem” ou “bezerro”, erigido como imagem de fundição e coadunado a isto, o culto a Baal.

Portanto, se vislumbra que, desde a saída da nascitura nação israelita do Egito rumo à Terra Prometida até o período do cativeiro, o culto a Yahweh coadunado ao culto ao famigerado “bezerro de ouro” ou “touro jovem”, que representa, dentre outros, a força de Baal, foi uma constante na vida de Israel.

Ainda que hostil à vontade de Yahweh, conforme se perquiri da exortação ao povo, por intermédio do profeta Oséias, que exerceu seu ministério entre o final do reinado de Jeroboão II e a queda de Samaria (750-722 a.C.): “Eu odeio o teu bezerro, ó Samaria; a minha ira se inflamou contra ele. Até quando vocês serão incapazes de inocência, ó filhos de Israel?” (Oséias 8.5).¹⁴

¹² SOUSA, Ágabo Borges de. É Possível estudar a religião popular judaica a partir da literatura bíblica? *RJHR*, ano VII, v. 13, 2014

¹³ BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 18695. (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle).

¹⁴ BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 53406. (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle).

A má influência das nações vizinhas a Israel

A pergunta que se faz é: “Como uma nação que deveria prestar culto somente a Yahweh, conforme determinado no decálogo em Êxodo 20, é terminantemente politeísta quanto a adoração e prestação de culto a deuses das nações circunvizinhas?”. Só há uma resposta: A influência dos povos não judeus que eram praticantes do politeísmo. O povo deixou-se influenciar, quando deveria ter sido influenciador. O que indubitavelmente deságua no execrável antagonismo existente no ser humano.

Para Arduini, “a fronte do ser humano roça a face de Deus, mas seus passos escorregam na lama. O ser humano dignifica-se pela fidelidade e abastarda-se pela traição”.¹⁵

Os descendentes de Jacó que iniciaram o percurso de 40 (quarenta) anos de peregrinação no deserto, após a saída do Egito, murmuravam com facilidade contra Deus e rapidamente esqueceram da mão poderosa de Deus, lembrando-se dos banquetes que haviam no Egito.

Quanto à influência dos povos não judeus que eram praticantes do politeísmo, tem-se que, coadunado ao fato da desobediência de Israel à ordenança divina contida em Deuteronômio 7, a história antiga demonstra que as sociedades antigas foram eminentemente politeístas.

A presciência divina demonstrou que a “mistura” do povo de Israel com as nações vizinhas, ou ainda com os habitantes da terra que “mana leite e mel”, levaria ao declínio espiritual deste, ao incorporarem ao culto a Yahweh reminiscências do culto aos deuses dos povos ao seu redor. A extirpação do politeísmo em Israel se dá pós-exílio com o retorno a Judá daqueles que se encontravam cativos.

É bom observar que, antes de se tornar nação, ainda no deserto a caminho de Canaã, o Deus dos hebreus, já exigia separação de seu povo, quanto aos demais povos da terra.¹⁶ O Deus que se revelou a Israel, por meio dos profetas e sacerdotes veterotestamentários, exigia fidelidade de Israel na adoração única e exclusiva a Ele. Mas Israel pecou, não observando os preceitos do Deus que se revela.

Na lição de Pereira, esta “revelação é um diálogo de Deus que se revela conversando com o homem”.¹⁷ Nesta revelação, a intenção de Yahweh era de revelar sua graça no homem, iniciando pela nação de Israel. Nesse mesmo sentido, Heidegger, para quem: “o homem é a “intenção e o gesto da 'transcendência' mesma”, aquele que busca a Deus [...]. A “porta de entrada” da graça...”.¹⁸ E essa transcendência se dá com Yahweh, que antes no oculto, se revelou, *in casu*¹⁹, ao seu povo Israel.

Em brilhante lição acerca deste revelar-se epifânico, Heidegger aduz que:

Este aparecer, este re-velar do Ser introduz a consideração do ocultamento: o que re-vela supõe antes um estar oculto. É a indicação positiva do mistério, do sacral de todas as coisas, do luzir e do

¹⁵ ARDUINI, Juvenal. Antropologia: ousar para reinventar a humanidade. São Paulo: Paulus, 2002. p.8

¹⁶ LEVÍTICOS 20.26: “Sejam santos para mim, porque eu, Javé, sou santo. Eu separei vocês de todos os povos, para que vocês pertençam a mim” BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 6037. (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle).

¹⁷ PEREIRA, Anderson Costa. Como Deus se revela? A Revelação de Deus através do humano. Encontros Teológicos | Florianópolis | V.39 | N.1 | Jan.-Abr. 2024 | p. 103-116.

¹⁸ HEIDEGGER, Martin. Ontologia: hermenêutica da faticidade. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012. p.33

¹⁹ IN CASU. In casu é uma palavra oriunda do latim, a qual significa 'no caso vertente', ou seja, 'no caso em julgamento'. Disponível em: <https://dicionariodireito.com.br/in-casu>. Acesso em: 03 jun. 2024.

obnubilar, que a verdade diz bem, pois acena e introduz a um ainda não-dito, a uma recepção mais profunda da mesma verdade. Aletheia – o velado e o re-velado, o que aparece e se oculta.²⁰

Portanto, a intenção de “אלוהים” ELOHIM, o Deus de Israel, era a de que seu povo, exclusivo apenas a Ele, prestasse culto. Contudo, conforme alhures, somente após o regresso dos judeus do exílio babilônico, a nação de Judá tornar-se-ia politeísta e monolátrica.

Baal segundo os escritos de Ugarit

Conforme acima mencionado, Baal ocupava um lugar de destaque no panteão cananeu, sobretudo nas narrativas veterotestamentárias. Em virtude da falta de informações, a ideia que se tinha dos cananeus, sobretudo no aspecto religioso, foram alteradas a partir de 1929, quando teve início as escavações arqueológicas na cidade fenícia de Ugarit. Os geólogos e arqueólogos fizeram descobertas importantes sobre alguns aspectos sociais dos moradores de Canaã. Matos ressalta a relevância das descobertas argumentando que:

Os textos descobertos na cidade de Ugarit (atual Ras Shamra, Síria) fornecem elementos que nos permitem conhecer sobre essa cidade, seu povo e sua religião. Foram encontrados em Ugarit 200 textos escolares que continham o alfabeto, catálogos lexicais e catálogos das divindades; cópias de Êpico de Gilgamesh, um dos textos mais antigos do Antigo Oriente Próximo;¹⁷ bibliotecas com mais de 1500 textos em Ugarit e, na residência do sumo sacerdote da região, localizada entre o templo de Baal e de Dagon, encontraram 135 textos de cunho religiosos, incluídos 24 tabletes contendo os épicos da literatura ugarítica: Kirta, Aqhat e o Ciclo de Baal e Anat.²¹

Assim como observou Matos, Georg Fohrer afirma que as escavações evidenciaram que a religião praticada pelos cananeus que habitavam em Ugarit, por ser uma cidade litorânea às margens do Mediterrâneo, foram influenciadas por crenças de diversos povos, assim como foram difusores das mesmas crenças.²²

Portanto, fica evidenciado que as religiões cananeias, organizadas a partir de Ugarit, a exemplo de tantas outras, não eram puras ou resultados de elaborações inéditas, mas um sincretismo religioso envolvendo crenças em contos e mitos.

Dentro do modelo religioso panteísta, o que pode ter ocorrido a partir da cidade de Ugarit foi o acréscimo de novas divindades no panteão cananeu, sem que necessariamente tenha diminuído a devoção aos deuses tradicionais, que remonta as comunidades do mediterrâneo.

Diferente do monoteísmo proposto por Yahweh ao povo de Israel, no politeísmo cananeu não havia um código social e religioso limitando a adoração, portanto não se tratava de uma sociedade de crenças uniformes. Mesmo com as descobertas ocorridas nas escavações de Ugarit, onde foram localizados centenas de manuscritos, não se encontrou textos que normatizassem as práticas religiosas dos cananeus.

²⁰ HEIDEGGER, Martin. A experiência do pensar. Trad. Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Globo, 1969. p.8.

²¹ MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. Os inimigos de Baal e Anat: o caos no Ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos da Bíblia Hebraica. Revista Teocomunicação. Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 1-9, jul-dez. 2020. p. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2020.2.39486>. Acesso em: 15 mai. 2024.

²² FOHRER, Georg. História da religião de Israel. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda/Paulus, 2006. p. 55-56.

O fato de os fenícios não terem elaborado códigos éticos e religiosos, como os textos hebraicos veterotestamentários, pode justificar a ausência de coesão tanto nas práticas como nos deuses que compunham o panteão. De acordo com o professor Daniel Reinke, é impossível tratar a religião entre os cananeus como se ela fosse única, tampouco nutrir a expectativa de que nas narrativas históricas houvesse uma única possibilidade de interpretação da construção identitária daquele povo.²³

Entretanto, a adoração a algumas divindades era comum entre os cananeus que ocupavam as planícies do mediterrâneo, as montanhas fenícias ou o Vale do Jordão. Dentre os deuses comuns entre os cananeus, de acordo com Fohrer, estavam El, Asherah, Baal e Anat.

A religião cananéia ostenta a sua imagem peculiar, que a distingue de outras religiões. É uma religião nacional vinculada a uma civilização organizada em cidades-estados. Ela pressupõe uma condição geral da graça divina, que, em benefício do povo, deve ser preservada e restaurada continuamente. Quanto ao seu conteúdo, é uma religião de vida e fertilidade renovadas e, como todas as religiões deste tipo, é sensual, orgânica e cruel.²⁴

Entre os deuses dominantes encontrados nas narrativas do Antigo Testamento, presentes em todas as manifestações religiosas dos cananeus estão El e Baal. Apesar de não ter o mesmo destaque nas narrativas bíblicas, o deus Dagon e a deusa Astarote também figuram nos referidos textos.²⁵ O deus Dagon seria o pai de Baal, enquanto a deusa Astarote, também conhecida pelo nome de Anat, era irmã/esposa de Baal.

O fato de Dagon ser considerado pai de Baal colocava-o em uma posição de destaque no panteão cananeu, até porque ele dividia esse papel com o grande El. Identificar Dagon como pai de Baal atrai a ele adoradores do filho. Enquanto sua irmã e esposa Astarote ocupava um lugar de destaque naquele panteão, por ser um complemento do que faltava a Baal.

Qualquer ponderação que se faça acerca de Baal deve ser considerado o politeísmo praticado por aquele povo que habitava o Antigo Oriente Próximo, e o seu lugar dentro do panteão cananeu, entretanto, não se pode ignorar o papel de seu pai Dagon, assim como o da sua irmã/esposa Astarote. Essas divindades atraíram adoradores residentes no Médio Oriente, inclusive israelitas. Como constatou Daniel Reinke, a exemplo dos seus vizinhos egípcios, babilônicos e assírios, os cananeus tinham o seu próprio panteão, que estava dividido em três reinos governados por três entidades: Baal, Yam e Mot. André Reinke descreveu o lugar e papel de cada deus afirmando que: "Baal, [era] governante do céu, Yam, do mar, e Mot, do submundo."²⁶

O lugar de Baal no panteão cananeu

A relação de Baal com a cidade de Ugarit era muito próxima porque, segundo a crença dos cananeus, a referida divindade tinha a sua habitação no Monte Zaphon, ao norte de Ugarit. Portanto, por mais que Baal seja adorado entre os cananeus das regiões baixas da Palestina, são os moradores do litoral mediterrâneo que viviam perto de sua principal divindade.²⁷

²³REINKE, André Daniel. Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. p. 134.

²⁴FOHRER, 2006, p. 57.

²⁵MATOS, 2020, p. 2.

²⁶REINKE, 2019. p. 135.

²⁷FOHRER, 2006, p. 59.

Apesar de Baal não ocupar a posição de um ser supremo responsável pela criação, porque esse lugar pertencia ao deus El, Baal era o deus responsável pela fertilidade. Dentro de uma sociedade patriarcal, o fato de se ter muitos filhos era honroso; e em uma economia de subsistência, que dependia da produção do campo para sobreviver, ter o *status* de divindade que promovia a prosperidade dos povos consistia em uma atração para novos adeptos.

Quézia Souza, em importante contribuição sobre o tema, assevera que:

Em uma sociedade agrária na qual a produtividade da terra é tão importante, a adoração a Baal pode se tornar irresistível, considerando o fato de que ele é a divindade que personifica os poderes da natureza favoráveis a colheitas prósperas. Dessa forma, o culto a Baal atrai todo aquele que acredita que se ele for honrado e celebrado com os rituais apropriados, a terra irá produzir abundantemente. Provavelmente essas características tenham sido suficientes para atrair a atenção de muitos dentro do povo de Israel.²⁸

Assim, aos adoradores de Baal restava a esperança de que as suas devoções ao deus da fertilidade resultariam em fartura e fecundidade de pessoas e animais.

No panteão cananeu, os deuses viviam em constantes guerras, inclusive contra seus pares, como forma de se manter no posto. Com Baal não era diferente, segundo as crenças e ritos religiosos dos cananeus, Baal não podia perder as guerras, porque isso representaria o comprometimento da natureza e consecutivo prejuízo para o povo. Quando Baal era derrotado por seus inimigos, os fiéis eram convocados para apresentar sacrifícios em seu favor, para que ele recuperasse as forças e voltasse a reinar.

Assim, um dos motivos que os seguidores de Baal tinham para oferecer sacrifícios a ele estava na crença de que o insucesso na colheita ou fertilidade das pessoas e dos animais tinham como causa a derrota de seu deus, sendo os cultos um meio de restabelecer as suas forças e consecutiva prosperidade humana.

Baal como modelo de veneração

De acordo com os vastos materiais escritos encontrados nas escavações arqueológicas de Ugarit, no mito da origem de Baal, esse seria um nome próprio que aludia a uma única divindade. Entretanto, encontra-se em narrativas bíblicas veterotestamentárias indicativos de que haveria mais de um Baal, ou pelo menos que era atribuída àquela divindade cananeia múltiplas manifestações.²⁹

²⁸ SOUZA, Quézia de Melo. Mitologia Cananeia e Antigo Testamento: a figura de Baal e seu culto no livro de Oseias à luz de textos de Ugarit. Departamento de Teologia. PUC Rio, 2020. Acesso em: 03/06/2024. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2020/download/relatorios/CTCH/TEO/TEO-Quezia%20de%20Melo%20Souza.pdf>.

²⁹ Quézia Souza traz a seguinte explicação para o uso do termo "baal" no livro de Oséias. "Na narrativa do livro de Oseias o termo baal pode aparecer como um substantivo comum, expressando um sentido coletivo e indeterminado, indicando assim, diferentes configurações que o culto poderia assumir e aos diversos locais que poderiam acontecer. O substantivo, antecedido por um artigo, pode também, indicar um nome próprio sugerindo que por detrás da variedade de nomes estava uma única figura de Baal como divindade cananeia antagônica a Yahweh." (SOUZA, Quézia de Melo. Mitologia Cananeia e Antigo Testamento: a figura de Baal e seu culto no livro de Oseias à luz de textos de Ugarit. Departamento de Teologia. PUC Rio, 2020. Acesso em: 03/06/2024. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2020/download/relatorios/CTCH/TEO/TEO-Quezia%20de%20Melo%20Souza.pdf>).

No livro do profeta Oséias, por exemplo, o nome Baal aparece no plural,³⁰ o que, segundo Souza pode também indicar que isso era um modelo genérico de culto.

Em Ugarit Baal pode ter sido usado como um termo genérico para deidades locais sendo representado no plural por Baalim (baals). Ele [Baal] também podia receber nomes diferentes de acordo com a região na qual era adorado. Cada lugar enfatizava um ou outro de seus atributos e desenvolvia “denominações” especiais, refletindo uma espécie de “Baalismo”. Isso prova que era uma divindade altamente adaptável. Essas podem ser algumas evidências que ajudam na interpretação de algumas passagens do livro de Oséias nas quais Baal aparece no plural. Oseias podia estar se referindo aos vários baals que tinha em mente.³¹

De acordo com essa interpretação, no período compreendido como aquele em que se desenvolveu os acontecimentos em torno dos descendentes de Jacó, dando origem a nação de Israel, sobretudo na terra de Canaã, havia na região um politeísmo centrado nas divindades cananeias. Dentre os deuses que o povo venerava, Baal era o mais importante ou mais popular porque se adaptava às diversas situações, e seu nome se transformou em sinônimo de adoração aos deuses cananeus.

Formas de cultos aos Baalim

Considerando a generalização não somente do nome de Baal, mas também na sua adaptação às diversas crenças, é possível que o povo oferecesse sacrifícios e prestasse cultos a qualquer divindade que tivesse alguma ligação a Baal. Dentre as divindades que eram adoradas em Canaã pelos cananeus e israelitas estava o pai de Baal, Dagon.

Dagon não era venerado apenas entre os descendentes de Cam, filho de Noé, mas também entre os povos vizinhos como Síria e Mesopotâmia, cuja origem vinha da linhagem de seu irmão Sem. De acordo com os mitos cananeus, assim como o filho, Baal, as atuações de Dagon estavam relacionadas à fertilidade, em especial do campo.

Em um panteão composto por divindades familiares, como Dagon na condição de pai e Anat que ocupava o lugar de irmã/consorte de Baal, as relações entre eles poderiam ser de auxílio mútuo ou de disputa por uma posição de domínio na família. Entretanto, não foi esse o caso das divindades que compunham a família de Baal. Segundo o mito dos cananeus, Baal não somente precisava de sua irmã como esposa, mas também como aquela que o ajudava nas guerras.

As oferendas que os seguidores das divindades cananeias ofereciam à deusa Anat não se limitavam ao sacrifício de animais ou cereais, mas se consistia em práticas de sexo no templo ou nos montes sob as árvores, onde ficavam as sacerdotisas e sacerdotes que atuavam como objetos de sexo dos fiéis que desejavam agradar a Anat.

É necessário considerar que o sacrifício para os deuses e deusas cananeus, com objetivo de agradá-los e agradá-las e alcançar bênçãos da prosperidade, não se restringiam a oferendas de animais, cereais ou atos sexuais. Há, nas histórias dos cananeus, narrativas de pais que ofereciam seus

³⁰ Oséias 2.19. “Vou tirar de seus lábios o nome dos ídolos, e esses nomes nunca mais serão lembrados”. (BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017. Posição 53280). (Obs.: Utilizamos aqui uma versão e-book Kindle).

³¹ SOUZA, Quézia de Melo. Mitologia Cananeia e Antigo Testamento: a figura de Baal e seu culto no livro de Oseias à luz de textos de Ugarit. Departamento de Teologia. PUC Rio, 2020. Acesso em: 03/06/2024. Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2020/download/relatorios/CTCH/TEO/TEO-Quezia%20de%20Melo%20Souza.pdf>.

filhos primogênitos em sacrifício tanto a Baal como a Astarte. Isso quando o Estado, conforme Reinke, em busca do controle demográfico, decidia sacrificar as crianças a seus deuses.

O sacrifício dos primogênitos era um holocausto realizado em um lugar chamado tofet. As crianças sacrificadas, filhos dos próprios ofertantes e entregues voluntariamente à divindade, eram depositadas em urnas e enterradas com uma epígrafe. Essa prática foi narrada por diversos historiadores romanos e fartamente registrada pela arqueologia em todas as colônias fenícias do Mediterrâneo. As urnas encontradas possuem corpos de crianças de idades variadas, a maioria entre um mês e um ano de idade, outros com no máximo seis ou sete anos. Para "alívio das consciências", as análises revelaram que as crianças chegavam mortas ou drogadas para serem queimadas. Já o molk era o sacrifício de holocausto que ocorria como forma de infanticídio, promovida pelo Estado e com caráter ritualizado em tempos de crise e pressão demográfica. Ou seja, crianças eram sacrificadas quando havia excesso populacional ou em situações de sítio inimigo a uma cidade, por exemplo. Independentemente do sacrifício em questão ser um tofet ou molk, os deuses a quem se ofertavam as crianças eram Baal (especialmente Baal-Amon, em Cartago) e Astarte. Um dado interessante aqui: o molk poderia substituir a criança por um cordeiro. Mas era inevitável: em situações muito extremas, deveria ser mesmo o filho do ofertante, oferta considerada como o sacrifício supremo para as divindades.³²

Conclusão

Portanto, resta claro que a nação de Israel, circunscrita entre povos como os cananeus, não ficou imune às influências de práticas sociais e religiosas desses povos, que os influenciaram. Ainda que sob o governo de Yahweh, os israelitas foram proibidos de reproduzirem as práticas religiosas dos cananeus que ocupavam a terra. O que infelizmente não ocorreu, e isso, por longo período, conforme retro mencionado.

Desde os vassalos até chegar aos palácios, onde se encontravam aqueles que detinham a autoridade sobre a nação, o politeísmo é visto de forma exacerbada. Sendo que, conforme alhures demonstrado, no caso de Jeroboão I, que presidiu as tribos do Norte, após a morte de Salomão e a conseguinte divisão do Reino, ficou claro o objetivo político: "desviar o povo de Israel em seu deslocamento, para adorar no templo em Jerusalém".

Contudo, ficou cristalina também a questão do Yahweh, Deus de Israel, levantar profetas, conforme acima, dentre estes, Oséias, que não apenas condenou a devoção a Baal ou os cultos aos Baalins como também externou a indignação divina ao ver o seu povo oferecendo todo tipo de sacrifício, inclusive de crianças, aos deuses e deusas cananeias. Assim, a devoção a Baal implicava muito mais que cultos com incensos e oferta de cereais e animais, envolvia prostituição, lascívia e sacrifício humano dos fiéis. Práticas, diga-se de passagem, condenadas por Yahweh, como acima exposto.

Referências

ABDALLA, TIAGO. *O hebraico nosso de cada dia: Reflexões teológicas, espirituais e práticas de dez importantes palavras HEBRAICAS*. São Paulo: Hagnos, 2022.

ARDUINI, Juvenal. *Antropologia: ousar para reinventar a humanidade*. São Paulo: Paulus, 2002.

³² REINKE, 2020, p. 140.

BARCLAY, John M.G. et al. *Perspectivas sobre Paulo: cinco pontos de vista*. Trad. Paulo Benício. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2017.

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda/Paulus, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: hermenêutica da faticidade*. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2012.

HEIDEGGER, Martin. *A experiência do pensar*. Trad. Maria do Carmo Tavares de Miranda. Porto Alegre: Globo, 1969. p.8

KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.

SOUZA, Ágabo Borges de. É Possível estudar a religião popular judaica a partir da literatura bíblica? *RJHR*, ano VII, v. 13, 2014.

MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. Os inimigos de Baal e Anat: o caos no Ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos da Bíblia Hebraica. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 1-9, jul.-dez. 2020. p. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/0103-314X.2020.2.39486>. Acesso em: 15 mai. 2024.

PEREIRA, Anderson Costa. Como Deus se revela? A Revelação de Deus através do humano. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 39, n. 1, p. 103-116, jan./abr., 2024.

REINKE, André Daniel. *Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

SOUZA, Quézia de Melo. Mitologia Cananea e Antigo Testamento: a figura de Baal e seu culto no livro de Oseias à luz de textos de Ugarit. Departamento de Teologia. PUC Rio, 2020. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2020/download/relatorios/CTCH/TEO/TEO-Quezia%20de%20Melo%20Souza.pdf. Acesso em: 03 jun. 2024.

RECEBIDO: 10/06/2024
APROVADO: 15/09/2024

RECEIVED: 06/10/2024
APPROVED: 09/15/2024